QUEM ERAM REALMENTE AS VACAS DE BASÃ?
UM EXERCÍCIO DE INTERPRETAÇÃO
À BASE DA CRÍTICA TEXTUAL*

Carlos A. Dreher**

Resumo: *o artigo retoma a interpretação do texto de Amós 4.1-3 a partir de um exercício de crítica textual. Apercebe-se de incongruências gramaticais no emprego de sufixos masculinos onde seriam de esperar femininos, bem como uma forma verbal que apresenta a mesma inversão. Ao auscultar o aparato crítico da Biblia Hebraica Stuttgartensia, verifica que não há testemunhas textuais – manuscritos ou versões – para qualquer alteração do texto hebraico. Assume que Amós pretendeu – deliberadamente – alterar tais formas femininas para o masculino. Conclui que Amós pretende, de fato, desqualificar os cortesãos de Samaria, utilizando uma linguagem tipicamente popular, com certeza nem um pouco politicamente correta a nossos olhos na atualidade, contudo, uma linguagem que demonstra mais uma vez a sua santa ira contra aqueles que oprimem os pobres de Deus.*

Palavras-chave: *Amós. Texto bíblico. Crítica textual. Vacas de Basã. Defesa dos pobres.*

Meu querido Haroldo!

A perspectiva de escrever um artigo em tua homenagem me leva de volta ao passado, mais precisamente, há uns trinta anos. Na época, eu integrava o primeiro grupo de mestrandos do então Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, na qual tu e Ivoni concluíam a graduação em Teologia. Lembro com carinho o estalido metálico das máquinas de escrever Olivetti *lettera 33*, nas quais vocês datilografaram a versão final de minha dissertação de mestrado, em janeiro de 1985. Com mais carinho, lembro-me de seminários dos

* Recebido em: 30.10.2015. Aprovado em: 06.11.2015.

** Doutor e Mestre em Antigo Testamento pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade EST. Pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, entrementes aposentado nas funções docente e pastoral. E-mail: carlos.dreher@hotmail.com.

quais participamos sob a orientação de Milton Schwantes, como aquele de Êxodo 1-15. Não há como esquecer aquelas leituras ainda tidas como "clandestinas" de textos de Marx e Lênin no renomado "Grupão".

Depois, ficamos uns tempos afastados: tu em Bielefeld, para teu doutorado – notadamente sobre Amós -, eu, por aqui, lecionando nossa disciplina comum, o Antigo Testamento.

E foi aí que as "Vacas de Basã" entraram em minha vida. Uma aluna muito querida e muito competente, candidata certa a uma pós-graduação, solicitou-me orientação em seu TCC. Dentro do espírito muito típico da época, queria fazer uma leitura de gênero nos textos de Amós. E, claro, as "Vacas de Basã" atrapalhavam! Amós era machista?

Optamos por uma análise com base nos conceitos marxistas de luta de classes. As "Vacas de Basã" não eram apenas mulheres (perdão por este "apenas"). Eram mulheres da elite de Samaria, que se alegravam com o resultado da exploração de camponeses e camponesas. Insaciáveis, queriam sempre mais usufruir do resultado da expropriação dos oprimidos, insistindo com seus maridos: "Dai cá, e bebamos!" Eram, pois, mulheres diferentes das camponesas. Viviam à larga, à custa da classe produtora.

A solução parecia ideal. Contudo, o segundo corretor do trabalho interpretou negativamente essa solução. A aluna estaria sendo incoerente em sua proposta de leitura de gênero e utilizando um referencial teórico marxista já superado (Como se superam rapidamente as ideias que não nos agradam!). E, infelizmente, reprovou o trabalho. Nossa frustração só piorou quando um terceiro corretor aprovou o TCC, porém, apenas fazendo a média entre a minha avaliação e a do segundo corretor.

Graças a Deus, mesmo que por outras vias, aquela aluna, nossa colega, hoje também é doutora.

Amós continuou com a pecha de machista. Afinal, mulheres eram mulheres. Sara e Hagar eram igualmente oprimidas, ou não? Hagar não era dupla – mulher e escrava -, ou triplamente vítima - mulher, escrava e, quem sabe, negra, já que era egípcia? Inclusive, vítima de uma mulher-patroa?

****

Os tempos passaram.

Anos mais tarde, aliás, muitos anos, numa das últimas vezes em que esteve aqui pelo Sul, Milton Schwantes, já bastante debilitado, mas ainda extremamente lúcido e laborioso, escrevendo mais do que nunca, lendo com apenas um restinho de olho, esteve de visita em nossa casa. Entre conversas e lembranças animadas, deixou-me mais uma de suas tantas pérolas. Não escreveu mais a respeito, mas foi como se me desse de presente a ideia para este artigo.

Por que demorei tanto para escrevê-lo? Por receio de ser mal interpretado. Como quer que se leia a passagem de Amós 4.1-3, corre-se o risco de ser entendido como alguém que não é politicamente correto.

Explico: com sua risada típica, Milton perguntou: "Carlos, já reparaste que, no texto das 'Vacas de Basã', alguns sufixos hebraicos estão no masculino? E que não há nenhuma testemunha textual para alterar o texto massorético?". Milton voltou a rir larga e gostosamente e concluiu: "Amós está chamando os homens da corte de Samaria de 'Vacas' e, mordazmente, acusando-os de serem amantes do rei e de seus principais oficiais!".

Qual, então, o risco? Ou se é machista, ou se é homofóbico.

****

Aprendi metodologia exegética no final dos anos 60. Não lembro muito bem a maneira com que trabalhávamos, então, a crítica textual. Lembro, porém, muito bem de como reaprendi a elaborar a crítica textual com Milton, já nos tempos da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS), que teve seu aparato crítico relativamente empobrecido em relação à *Biblia Hebraica Kittel* (BHK).

Milton era intransigente num aspecto: o Texto Massorético (TM) é confiável. Não havendo testemunhas textuais - manuscritos ou versões - apresentando leituras alternativas, ignorem-se as sugestões dos preparadores do aparato crítico. Alterações sem base em testemunhas textuais já não são mais crítica textual. São crítica literária!

Mesmo que não entendamos o texto num primeiro momento, não há por que alterá-lo. Afinal, não é a nossa limitada capacidade interpretativa que está em jogo. É, de fato o texto, mais, o texto bíblico. E, não por último, a Palavra de Deus!

****

Com este pressuposto, convido a darmos uma olhada no texto de Am 4,1-3 e no aparato crítico correspondente. Por força das dificuldades de impressão, não reproduzo aqui o texto hebraico. Apresento apenas a tradução do texto, feita por mim, ressaltando nela os aspectos relevantes para esta análise.

> *1 Ouvi esta palavra, Vacas de Basã, que (estais) no monte de Samaria, as que oprimis os fracos (magros), as que esmagais os pobres, as que dizeis para os* ***vossos*** *maridos: "Dai cá, e bebamos".*
> *2 Jurou o Senhor YHWH, por sua santidade, que dias estão vindo contra* ***vós*** *e* ***vos*** *levarão com anzóis e vossos traseiros com arpões.*
> *3 E pelas brechas saireis uma em frente à outra, e vos lançarei para Hermom, oráculo de YHWH.*

Os termos grafados em negrito indicam as partes que nos interessam. Perceba-se a dificuldade em transpor na tradução a peculiaridade hebraica de dispor de uma forma de pronome pessoal para o masculino e outra para o feminino na 2ª pessoa do plural.

Salta aos olhos que as formas masculinas são bem menos do que se possa imaginar, ou que imaginei quando Milton me apontou a questão. São apenas três: uma na parte final do v.1 (v.1bϑ); as outras duas no v. 2 (v. 2aα e v.2bϑ).

Preocupo-me apenas com estas três formas masculinas ao observar agora o aparato crítico. Percebo aí que são apresentadas propostas de alteração no que se refere a essas três formas. Para as duas primeiras, propõem-se mudanças nos sufixos, passando-os da forma masculina para a feminina. Para a terceira forma apresenta-se a mesma proposta, além de uma alteração da palavra, tida como forma corrompida.

Para o que nos interessa, é importante frisar que o aparato crítico da BHS apresenta apenas propostas, sugestões de alteração, com base unicamente na opinião do seu preparador. Não há manuscritos ou versões – nem um, nem uma sequer – que sustente a proposta de alteração. Na mesma direção apontam os dois comentários sobre o livro de Amós que me acompanham neste estudo (JEREMIAS, 1995; WOLFF, 1967), embora ambos alterem o texto com base em suposições.

Concluo: vale, pois, dizer que, por séculos, os copistas e tradutores bíblicos transmitiram – com fidelidade! – as palavras de Amós assim como as encontramos no texto.

****

É verdade que o texto dos v. 2b e 3 parece estar bastante corrompido. Sua recomposição depende sempre de opções de compreensão e de tradução que se façam. Não pretendo entrar aqui neste mérito. Fixo-me na parte textual que motiva essa reflexão.

E aí, levanta-se a pergunta: que teria ocorrido com as três formas que mencionamos? Os copistas mantiveram o texto como está, o que leva a crer que tenha sido transmitido exatamente assim desde sua origem, com extrema fidelidade.

A partir deste pressuposto, levantam-se duas hipóteses.

A primeira veria em Amós efetivamente um camponês de origem humilde e, como tal, semianalfabeto, pouco afeito a perfeições gramaticais. Teria utilizado sufixos de forma masculina para referir-se ao feminino, sem se preocupar com precisões linguísticas.

A segunda hipótese teria que imaginar que Amós não cometeu erro algum, mas pretendeu – *deliberadamente* – utilizar tais sufixos masculinos! Evidentemente que, neste caso, Amós não estaria sendo nem um pouco politicamente correto. Afinal, estaria chamando os homens da corte de... "amantes" do rei e de seus

generais ou ministros, para não utilizar aqui outros termos chulos típicos no linguajar popular – e às vezes nem tão popular assim - quando pretende expressar raiva contra alguém. Lembremo-nos apenas da pobre mãe do juiz de futebol em determinadas ocasiões.

****

E Amós está com raiva. Sim, está cheio de uma santa ira contra estes cortesãos de Samaria que se divertem em usufruir o que foi tirado dos pobres. Já em 2.8 ele denunciava aqueles que "na casa de seu deus, bebem o vinho dos que foram multados".

Aqui, sua ira santa se volta contra quem oprime os fracos (os *dalim*, os magros, os que já são apenas pele e osso), contra quem esmaga os pobres (os *ebionim*). Estão gordos, nédios, lustrosos de suor extorsivo à custa dos camponeses excessivamente tributados e, por isso, brutalmente empobrecidos. São umas "vacas", vocifera Amós! "Vacas de Basã", as mais apreciadas vacas da Palestina, porque comem o melhor pasto, encontrado apenas em Basã, do outro lado do Jordão, e que por isso são gordas, nédias e lustrosas.

Não há, pois, como duvidar de que, para Amós, as "Vacas de Basã" não são as mulheres da corte de Samaria, mas, de fato, cortesãos, homens, que sua santa ira desqualifica totalmente!

Com certeza, de nosso ponto de vista, Amós não foi politicamente correto naquela ocasião. A partir de nossa interpretação, não há mais como qualificá-lo de machista. Sem dúvida, porém, poder-se-ia dizer na atualidade de tratar-se de um sujeito homofóbico.

Contudo, Amós, certamente, nem sabia de nossas atuais correções políticas. Estava, sim, indignado com o fato de os cortesãos de Samaria estarem paparicando sedutoramente o rei e seus oficiais, a fim de que estes oprimissem, esmagassem, triturassem tanto mais os pobres de Deus.

Perdoem os Amós por esta sua incorreção no tratamento dos oprimidos, mas não permitamos que esse detalhe diminua sua voz profética contra os opressores diretos ou indiretos do povo.

****

Portanto: tais sufixos são *deliberadamente masculinos* num contexto gramatical totalmente feminino! Não se altere o texto! Altere-se a interpretação!

WHO REALLY WERE THE COWS OF BASHAN?
AN EXERCISE IN INTERPRETATION USING TEXTUAL CRITICISM

Abstract: *this article interprets the text of Amos 4:1-3 based on an exercise in textual criticism. Grammatical incongruities are perceived in the use of masculine suffixes where one would expect feminine suffixes, as well as one verb form that present the same inversion. When one examines the critical apparatus of the Biblia Hebraica Stuttgartensia, one finds that there are no textual witnesses - manuscripts or versions - for any alternatives in the Hebrew text. We can assume that Amos deliberately intended to change the feminine forms to the masculine. One concludes that Amos really intended to disqualify the courtiers of Samaria using typically popular language, language that certainly would not be politically correct in our eyes today, but a language that demonstrates once again his holy wrath against those who oppress God's poor.*

Keywords: *Amos. Biblical text. Textual criticism. Cows of Bashan. Defense of the poor.*

Referências

JEREMIAS, J. *Der Prophet Amos.* Das Alte Testament Deutsch *(*ATD 24,2). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.

WOLFF, H. W. *Dodekapropheton 6*: Amos. Neukirchen-Vluyn: Neukirchner, 1967.